

# TRIBUNA Livre

12  
NOVEMBRO  
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

## O Herói e o Santo AS FORÇAS VIVAS DO CONCELHO

Por P.º Albino J. F. Alves

Na bruma dos tempos, não pode perder-se a memória daqueles que pelo seu arrojo e audácia, praticaram feitos gloriosos de interesse para a Pátria e Religião. Os seus nomes serão repetidos com admiração e reconhecimento por todas as gerações e será ditosa a Pátria que através dos séculos se mantém fiel à tradição de exaltar os filhos que abnegadamente a serviram.

Na mensa galeria dos heróis de Portugal e também da Virtude, destaca-se a figura inconfundível dum homem que projecta para todos os quadrantes do mundo luz e grandeza. Na verdade «aqueles que por obras valerosas, se vão da lei da morte libertando», como diz o nosso épico, não podem circunscrever-se às fronteiras

### Subsecretário de Estado da Educação Nacional

No passado sábado, esteve entre nós o sr. dr. Baltasar de Sousa, ilustre Subsecretário de Estado da Educação Nacional, que visitou a escola da Vila para se inteirar das razões que assistem ao pedido que lhe foi formulado para ampliação daquele edifício.

Era aguardado no local pelos srs. presidente e vice-presidente da Câmara e pela vereação. Depois de esclarecido e de dar a sua inteira aprovação ao que lhe foi pedido visitou as Novas Ruas a certificar-se do progresso local.

## O SORRISO DA CRIANÇA

A criança pertence à mãe e ao pai e também pertence à nação e à humanidade, mas, no fundo, em boa verdade, pertence sobretudo a si própria, isto é, é um ser em formação que, embora necessitando de amparo, tem a sua vida específica, a sua sensibilidade, o seu mundo.

Como ser que ainda não atingiu a plenitude do seu desenvolvimento, não tem, naturalmente, a experiência do adulto, sendo assim compreensível que sejam diferentes as suas necessidades.

É por isso que a função do educador é extremamente delicada e importante, pois, pen-

ras da Nação que lhe foi berço. O Homem e o Santo que a Pátria lusa celebra no sexto centenário do seu nascimento é D. Nuno Álvares Pereira, o condestável do Reino, depois no Carmo, apenas Frei Nuno de Santa Maria.

Importa apontá-lo às gerações modernas, recordando os combates que sustentou, as vitórias que obteve o zelo e pureza com que defendeu a fé cristã e também os rigores da penitência que praticou, na renúncia ao fastígio do mundo e no omnímoto desprezo de Si mesmo.

Nascido em Sernache do Bonjardim, proximidades de Coimbra, a 24 de Junho de 1360, Nuno Álvares, 13.º filho de D. Nuno Pereira e da sua esposa Dona Eyria Gonçalves, fôra pela Providência destinado para as mais altas empresas. De pura linhagem e da mais alta estirpe elevou-se mais ainda pelas virtudes sobrenaturais que para sempre o nimbaram de glória, aureolando-o de Santidade.

Dócil de temperamento e fiel aos ensinamentos que no seu coração puro depositaram os progenitores, na sua alma cresceram as ancestrais virtudes da raça em contraste com as ervas daninhas de paixões mundanas e abrolhas de culpa e traição que brotaram nos corações daqueles que se

(Continua na 4.ª página)

## manifestaram-se junto do sr. Governador Civil contra os ataques feitos a Portugal na O. N. U.

Tem o País inteiro vibrado de indignação contra as afirmações injuriosas feitas na O. N. U. ofensivas da integridade territorial da nossa Pátria secular. Também dentro do nosso concelho essa repulsa é unânime e sentida, o que não é de estranhar num território coberto de recordações dos mais esforçados feitos históricos e berço de homens com assento certo nas páginas mais gloriosas.

Além disto uma forte corrente imigratório faz com que em todas as nossas pro-

víncias ultramarinas lubrem muitos amarenses, sendo poucas as famílias que lá não têm um parente. Mas além de tudo isto uma fé radicada nos valores pátrios que tantos antepassados serviram portada a parte.

Interpretado o sentir de todos a Câmara promoveu uma manifestação das forças vivas junto do Senhor Governador Civil no sentido deste levar junto do Governo o sentir franco de todo o povo do concelho.

Na passada quinta-feira inumeros carros transporta-

ram os nossos manifestantes à sede do Distrito. Estavam presentes os srs. Drs. Eduardo Gonçalves e António José da Costa, presidente e vice-presidente do Município, Padre Albino José Fernandes Alves, Arcipreste do Concelho, Dr. Avelino Silva presidente da Comissão Concelhia da U.N., e todos os restantes elementos, Paulo Macedo e Dr. João Baptista de Sousa Fernandes, vareadores, Dr. Manuel Arantes Rodrigues, Conservador do Registo Civil, João Macedo, comandante da Legião, Dr. Aristides Marques Vilela, Dr. Tomé Gonçalves, Dr. Alfredo de Abreu Valença, todos os conselheiros Municipais, presidentes das Juntas e regedores, além das pessoas mais gradas.

Falou em primeiro lugar o sr. dr. Eduardo Gonçalves, presidente do Município, que disse da razão da manifestação para acrescentar que todo o concelho está com o Governo contra as afirmações injuriosas e desonestas que se têm fei-

Continua na 4.a página

Continua na 4.a página

## E a nova geração saltou do Trampolim

Eis o triunfo de toda uma geração que, a partir do após primeira guerra, nasceu para combater na segunda guerra mundial e fixar os destinos do mundo no século XX.

Não foi só a substituição de um republicano por um democrático; não vai de um partido a outro partido; vai de uma geração a outra geração. Qui-lo a América do Norte, numa eleição que tem tanto de democrática como de entusiasta.

Nunca os Estados Unidos da América do Norte observaram semelhante concorrência às urnas: estava em jogo uma geração; estava em jogo dar lugar aos novos; estava em jogo a Liberdade um tanto coartada pela velha lenda de que «no meu tempo era me-

lhor...» Triste ilusão. Em todos os tempos o Homem quis marchar, avançar. E John Kennedy parece na sua maneira de ser, no todo do rutilo dinamismo que

## CONTRASTE EM MELINDE

(Por António Maria Zorro)

Mombaça e Melinde. Mesmo sem as conhecer, não é difícil imaginá-las no fim do século XV, no seu misto de opulência islâmica e do primitivismo africano, com os palácios árabes de rendilhada pedrôsea cercados de palhotas ou de casas de adobe, e a sua heterogênea população de mouros e negros, hindus, turcos e persas, nobres famílias árabes oriundas do Iémeneou de Aden e escravos somalis ou sudaneses, vendidos pelo sultão de Zeila aos seus vizinhos.

Um dia, nessa remota Primavera de 1498, surgiram três estranhos navios nas águas azuis de Melinde, sulcadas, como hoje, por cardumes de ágeis barcos de pesca. Nas velas tinham um sinal desconhecido dos povos de Melinde, que era a Cruz de Cristo,

e a bordo traziam uma gente igualmente desconhecida, de aspecto rude e estatura meã, com as facas brancas duramente esculpidas pelo trabalho e pelas vigílias e um brilho febril no olhar: — eram os homens de Vasco da Gama, vinham de Portugal, que ninguém sabia onde era, e pe-

Continua na 4.a página

### Justa homenagem

Foram reproduzidas por diferentes órgãos da imprensa as palavras que aqui escrevemos no penúltimo numero sugerindo uma homenagem ao ilustre Chefe do Distrito, Conselheiro dr. António de Azevedo Abranches.

Toma, assim, vulto, uma ideia a todos os títulos justa, o que nos aprás registar com a maior satisfação.

### Grémio da Lavoura

Pela Junta de colonização interna foi concedido um empréstimo de 200 contos ao Grémio da Lavoura de Amares, o qual se destina à construção da sede e armazém daquele organismo.

A construção vai fazer-se nos terrenos já adquiridos, no lugar da Fábrica.

Continua na 4.a página



# TRIBUNA AGRICOLA

## Insecticidas Modernos Insecticidas Sistémicos

É natural que muitos dos que nos lêem já tenham conhecimento deste tipo relativamente novo de insecticidas, outros desconhecerao a sua existência, mas de qualquer forma não deixará certamente de oferecer interesse este pequeno artigo em que procuraremos explicar o que são e como agem estes insecticidas.

Em primeiro lugar o que quer dizer «insecticida sistémico»?

Diz-se que de terminado produto tem uma acção sistémica, quando uma vez introduzido num organismo vivo, se difunde nele modificando-o química e biologicamente.

Assim teremos um insecticida sistémico, se, aplicando por dado processo um produto à planta, se consegue que ela adquira as propriedades tóxicas da substância em-

Compreende-se o interesse que estes insecticidas podem oferecer, (encarada a questão dum modo geral) na luta contra determinadas pragas. Por exemplo, o caso de insectos que se abrigam no interior de pregas e obras das folhas e que por pulverizações ou polvilhações difficilmente são atingidos o que determina a pouca efficácia dos tratamentos.

Além disso quando a planta é tratada por um insecticida vulgar, pode acontecer que só uma parte dos insectos sejam atingidos dando-se uma rápida reinfestação. Neste caso sendo a própria planta tóxica em relação a um determinado número de pragas, a imunidade estará muito mais completamente garantida.

Por outro lado, a protecção aos insectos úteis está por via de regra assegurada, pois que não se alimentando normalmente estes insectos da seiva da planta, não chegam a receber os efeitos tóxicos do tratamento. O insecticida sistémico tem pois a propriedade, de, levado pela seiva, penetrar no interior dos tecidos vegetais de modo a torná-los tóxicos para dadas pragas, seja qual for o ponto da planta que consideremos. Assim, colocado junto das raizes ou da epiderme das folhas será absorvido e rapidamente integrado nos tecidos.

A direcção dominante da deslocação é de cima para baixo e tanto mais activa quanto mais intenso foi o crescimento dos tecidos vegetais.

Para que dado produto possa ser considerado um

bom insecticida sistémico deverá:

1.º Ser rapidamente transportado a toda a planta a fim de actuar eficazmente sobre a praga.

2.º De modo algum o insecticida ocasionará a acumulação de resíduos prejudiciais para o organismo, devendo ser o menos tóxico possível para o manipulador.

3.º Ser isento de qualquer acção nociva sobre a planta tratada, mesmo que se em-

pregue em dose superior à normal.

A técnica e a acção dos insecticidas sistémicos têm vindo a ser estudadas desde 1935 e de então para cá são bastantes os produtos que se têm ensaiado, uns melhores outros piores.

No próximo número deste «Serviço Informativo» voltaremos de novo ao assunto para dar indicação dos insecticidas sistémicos mais conhecidos.

### Como conhecer e combater as pragas e doenças das nossas árvores de fruto — OLIVEIRA

A importância da cultura da oliveira no nosso País, justifica que continuemos a indicar as principais pragas e doenças que a atacam bem assim como os métodos de combate mais recentes.

**Gafa** (*Gloeosporium olivarum* Alm.). Esta doença é de aparecimento irregular e coincide com os anos de Outubro ameno e chuvoso. Constitui uma das mais graves doenças que atacam a oliveira. Inutilisa por completo as azeitonas para conserva e determina uma acidês elevadíssima no azeite obtido. As azeitonas atacadas apresentam manchas deprimidadas de tom acastanhado, cobrindo por vezes todo o fruto que se torna mole; essas manchas exsudam uma substância amarelada. A doença provoca a queda dos frutos e seu engelhamento. Os produtos cúpricos — calda bordaleza a 1.º ou o oxiclreto de cobre de 48%, a 0,5% — devem ser aplicados quando os frutos começam a mudar de cor e antes da doença se manifestar (são tratamentos preventivos). A aplicação deve repetir-se duas a três semanas depois e deve juntar-se às caldas um molhante. Muitos lavradores designam indifferente por *gafa* os prejuizos causados por este fungo ou pela mosca da azeitona. As causas e os efeitos são porém muito diferentes num e noutro caso.

**PIQUIÇO** (*Liothrips oleae* Costa). Em certas zonas do País ocorrem por vezes ataques deste insecto. As picadas do insecto provocam o aborto das flores e os frutos e folhas sofrem deformações graves ou suspendem o seu crescimento. O «rebólo», da azeitona (frutos redondos e pequenos) é frequentemente

provocado por este insecto.

A determinação da oportunidade de tratamento, que pode ser feito com êxito, é difficil. No caso de olivais sujeitos a ataques frequentes deve consultar um organismo ou técnico especializado. Os produtos a usar são alguns dos insecticidas fosforados, como o malathion, diazinon etc.

**TRAÇA DA OLIVEIRA** (*Prays oleellus* Hb.). A traça da azeitona ou da oliveira provoca todos os anos graves prejuizos, difficéis de observar por vezes. O ciclo biológico deste insecto é complexo e passa-se parcialmente nas folhas e rebentos. Nas folhas aparecem galerias e nos rebentos verificam-se zonas roídas e finas teias a envolverem-nos. Nos frutos as pequenas larvas nascidas no Verão penetram no caroço, pelo pé, destruindo a amêndoa e provocam a queda da azeitona ainda verde.

Todas as azeitonas caídas por acção da traça têm um orifício junto ao pé e apresentam a amêndoa destruída.

Não existe presentemente um método de combate generalizável embora certos compostos insecticidas fosforados se apresentem prometedores.

### TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º- onde também se recebem assinaturas e publicidade

Visado pela Censura

#### Nos Campos

— Continua a preparação de algumas terras. Semeiam-se todas as ervas, tais como serradela, ervilhaca, trevo branco e vermelho, sanfeno e outras, e ainda o tremçoço, favas e ervilhas temporãs, e nabos. Activa-se a sementeira dos cereais de pragna, trigo, centeio, aveia e cevada, cujas sementes devem ser previamente crivadas e desinfectadas para se conseguir uma produção mais elevada e de melhor qualidade. O alqueive de fava é um dos melhores lugares para a sementeira dos trigos. Conduzem-se os estrumes para os locais que lhes estão destinados, e vão-se enterrando. Ao mesmo tempo vão-se preparando outros para as culturas seguintes. Aproveitar também as cinzas vegetais para a fertilização das terras.

#### Nos Pomares

— Termina a colheita da castanha. Intensifica-se a plantação das árvores de folhagem permanente, e começa-se a poda e limpeza dos musgos e líquenes. A poda das árvores de fruto, pelos fins do mês, principia pelas mais velhas e pelas que primeiro perdem a folha. Estrumar as fruteiras e abrir covas para a plantação das de caroço. Começa nalguns olivais e colheita da azeitona, que deve fazer-se por ripamento e não por varejamento.

#### Nas Vinhas

— Cavam-se ainda as que não beneficiaram deste amanho, para melhor aproveitamento das parras e das chuvas, e para facilitar os tratamentos contra a cochonilha ou algodão branco na vinha e contra outros insectos que hibernam na base das cepas. Nas terras secas pode iniciar-se a plantação de barbados americanos.

#### Nas Hortas

— São numerosos os trabalhos deste mês. Cavam-se e estrumam-se os talhões devolutos. Arranjam-se abrigos de esteira para resguardo de certas plantas mimosas. Plantam-se alhos e cebolas e toda a espécie de hortaliça. Semeiam-se favas, ervilhas temporãs, cebolas, cenouras, contentos, couves tronchudas, espinafres, nabos, rabanetes, rábanos e salsa. Cortam-se as hastes dos espargos e os rebentos desnecessários das alcachofras. Desbastam-se os nabos nascidos. Nitratam-se as plantas de horta que se apresentarem definhadas.

#### Nos Jardins

— Todos os resíduos de plantas de horta ou de jardim, limos dos tanques e lixos, devem ser amontoados, misturados com terra e algum estrume, polvilhados com cal e regados, pois constituem um terriço muito aproveitável para jardim. Prossegue a plantação de bolbos das flores indicadas em Outubro. Renova-se a terra das camélias. Tosquiavam-se e plantam-se roseiras. Podem-se ainda semear amores-perfeitos, assembleias, begónias sempre-em-flor, ciclamens, cinerárias, ervilhas de cheiro, malvaesco e paciências.

#### Nas Adegas

— É velho o costume português de apreciar os vinhos novos pelo S. Martinho. A esse tempo, de facto, já os vinhos devem ter terminado a fermentação lenta, apresentando-se limpos. Batocam-se e tampam-se de vez as vasilhas.

#### Na Capoeira

— Não é conveniente deixar sair as galinhas com chuva. Devem soltar-se para lugares cobertos onde o piso não esteja molhado, pois são atreitas ao reumatismo.



**COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO'**

FUNDADA EM 1835

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES



# TRIBUNA do CONCELHO

## Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência

Ofícios

Do Engenheiro Alberto José do Vale Rego Amorim, Braga, comunicando que os seus honorários relativos ao levantamento topográfico das freguesias de Goães e Dornelas, importam em 5000\$00.

Idem, idem, idem, respeitantes ao estudo do arranjo do caminho de ligação da E.N. 205-3 à E.N. 205 em Fiscal, que importam em 600\$00.

Do Hospital de crianças Maria Pia, Porto, remetendo a factura relativa ao tratamento do doente Nuno de Jesus Gonçalves.

Da Eléctrica de Vale-Flores, L.<sup>a</sup> Porto, apresentando proposta para o seguinte material dos serviços de electricidade: para fios de 6, 10, 16, 20, e 25<sup>m</sup>, respectivamente aos preços de 10\$00, 21\$00, 23\$00, 25\$00 e 27\$00. E para cabos de 10, 16, 25, 35, 50 e 70, respectivamente aos preços de 23\$00, 27\$00, 35\$00, 45\$00, 60\$00 e 75\$00.

Do Hospital de S. João, Porto, comunicando o internamento da doente Maria Helena Fernandes Ribeiro, cujo domicílio foi atribuído a este Concelho.

Do Hospital de S. Marcos, Braga, comunicando o internamento urgente, dos seguintes doentes: João de Deus da Silva Campos, de Goães, Delfina da Silva Soares, de Caires, Maria José Soares, de Besteiros e Laura da Silva, de Figueiredo.

De J. Oliveira, fazendo propaganda do livro «30 anos de Estado Novo», cujo preço é de 150\$00.

De Senna, Botto & Leitão, L.<sup>a</sup> Porto, enviando a factura da importância de 37.018\$50

De Dolores Horta, Lisboa, oferecendo a esta Câmara um volume do livro «Índice Geral da Construção Civil e seus Materiais», relativo ao ano de 1959, pedindo lhe seja acusada a recepção do mesmo.

De António José Dias, comunicando que o custo do levantamento da calçada do caminho do lugar do Souto a S. to António, da freguesia de Besteiros é de 239\$20

É novamente presente à Ex.ma Câmara um ofício da Junta de Freguesia de Santa Maria de Bouro, informando que António Lopes, iniciou uma vedação num terreno contíguo à sua casa sito no lugar do Terreiro, da referida freguesia.

Da Regente escolar da escola do Anjo da Guarda, pedindo o fornecimento de diverso material didáctico para funcionamento daquele Posto. Foi deferido pelo Sr. Presidente da Câmara.

### Circulares

Do Governo Civil do Distrito de Braga, transcrevendo a circular n.º 52/60, proc. Z-1/9, L.º 25-A, 2.ª Repartição, da Direcção Geral de Administração Política e Civil, de 14 do mês em curso, comunicando que a Direcção Geral de Transportes informa que o motor marca Gialietta, modelo P. 3-48, diâmetro 38mm, curso 42mm, cilindrada 47cm<sup>3</sup>, importador Condeças S. Bitá Bota, L.<sup>a</sup> deve ser incluído na relação dos motores auxiliares para velocípedes, com cilindrada não superior a 50 c.c.

Idem, idem, idem, n.º 53/60, proc. Z-1/123, L.º 25-A, 2.ª Repartição, idem, idem, de 19 do corrente, informando que em virtude de ser frequente a apresentação de queixas contra a insalubridade de habitações e outros locais, deve ser exercida a competência prevista no n.º 15.º do art.º 49.º do Código Administrativo, assim como no art.º 12.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas.

Idem, idem, idem, n.º Z-1/16, L. 13, de 13 do corrente da 1.ª Repartição, idem, idem, comunicando aos corpos administrativos que Tomás Rodrigues Cabola está abrangido pelas disposições do § 2.º do art.º 620.º do Código Administrativo, introduzido pelo Dec. Lei n.º 40.355, de 20/10/955, por ter regeitado o lugar de Fiscal de Obras da C.M. de Monção, para que foram nomeado em 27/1960.

### Requerimentos de Obras

De Domingos da Costa Ferreira, de Lago, pedindo licença para construir uma casa no lugar de Santa Marta, da referida freguesia. Tem informação favorável da Junta de Freguesia. O Zelador Municipal informa que a construção deve estar 2m. do eixo do C.P.

(Continua no próximo número)

## CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Porque está a correr a noventa, vou começar a falar-te da festa de São Martinho, patrono de Lago.

### Quem é São Martinho

Não é o advogado dos bêbados. A propósito dir-te-ei que há terras onde os borrações mais cadastrados se constituem numa espécie de sociedade, intitulada de S. Martinho; e, por ocasião da festa deste santo, ao realizarem os magustos e as provas do néctar dos deuses, ou «sanguinho do senhor», como também costumam dizer, fazem uma eleição, entre si, escolhendo assim o presidente de tal «sociedade de São Martinho». Escusado será dizer-te que o eleito é sempre o maior borrachão. Conheci um que, na sua terra, foi presidente vários anos; e também fui, como bastantes outros homens de bem, vítima dos seus furores, quando estava possesso do espírito do vinho. Se tu o visses ou ouvisses, como eu, no auge da possessão vinal, a discursar em alta voz, de noite ou de dia, contra qualquer desgraçado inocente, de quem ele não gostasse, interiormente, por qualquer motivo, mesmo injusto rias-te de compaixão, certamente. Dêsse «interiormente» porque, externamente, quando estivesse em juízo normal, tratava-me com respeito e distinção, e se eu fosse a casa dele, não podia sair sem ter comido e bebido do melhor que tivesse em casa!...

Pois o verdadeiro S. Martinho não foi bêbado, não é, nem pode ser advogado dos bêbados, porque não bebia vinho. Nasceu na Pannónia, território que mais tarde pertenceu à Hungria. Embora seus pais fossem pagãos S. Martinho inscreveu-se, ainda novo, numa escola de doutrina cristã, por sua livre vontade, e sem o conhecimento e consentimento dos pais. Aos dezasseis anos foi obrigado a alistar-se no exército romano, de que seu pai era oficial com o posto de tribuno, correspondente ao actual posto de coronel. Era soldado de cavalaria, e ainda catenúmeno, quando, ao passar Amiens, encontrou um velho, semi-nú, a pedir esmola. Compadecido, e não tendo mais que lhe dar, desceu do cavalo e, tomando a espada, cortou pelo meio a capa que trazia, deu metade ao pobre, que morria de frio; e, embrulhando-se na outra metade e seguiu viagem. Enquanto descansava, na noite seguinte, Martinho viu aparecer diante de si Jesus Cristo coberto com a metade da capa, dada ao pobre, na véspera, e ouviu-o dizer aos anjos que

o acompanhavam: — «Foi Martinho, ainda catecúmeno, que me cobriu com esta capa!» — S. Martinho deixou a vida militar fez-se religioso, sob a direcção de Santo Hilário, bispo de Poitiers, e, tendo já grande fama de santidade, foi raptado e obrigado a ser bispo de Tours. S. Martinho faleceu no exercício das suas funções, depois de uma vida consagrada completamente ao serviço de Deus, tendo convertido muitos pagãos e feito muitos milagres entre os quais se contam três ressurreições de mortos. Sulpício Severo escreveu-lhe a vida, que se propagou em todo o Império Romano, e fez com que São Martinho se tornasse um dos santos mais populares. Para demonstrar esta afirmação basta dizer-te que, só em França, há cerca de três mil seiscientos e setenta e cinco igrejas dedicadas a São Martinho e na Arquidiocese de Braga há sessenta e oito!... É bem certo que Deus eleva os humildes...

### São Martinho em Lago

Por costume e por lei São Martinho deve ter festa, em Lago, por ser o padroeiro. Houve tempos de lhe fazerem romarias com duas bandas de música e talvez noitada. Actualmente a festa de São Martinho poderá ter uma banda, e já com certa dificuldade, porque as contribuições dos devotos são diminutas. Julgo que, tratando-se de um santo cujo valimento junto de Deus é enorme, devia ter mais devotos e mais generosos contribuintes.

A comissão da festa deste ano ao São Martinho tomou uma iniciativa desusada pois lembrou-se e resolveu organizar uma feira franca para o dia onze, dia de São Martinho, e realizar a festa religiosa do Santo no domingo seguinte. Convém lembrar que a novena começou no dia quatro, havendo instalações sonoras, durante a novena e o dia da festa. A feira, como já te disse, não tem nada de comum com a festa religiosa, pois não se faz no dia desta, nem perturba as novenas, que s quem o ritmo normal, mesmo no dia onze. Sei que aprovaste a organização da feira com entusiasmo, e muitas outras pessoas ilustres além da comissão, mostraram igual entusiasmo e prometeram contribuir para esse certame.

É porém costume dizer-se que as sentenças igualam as cabeças, e, neste caso ouço dizer que algumas pessoas censuraram a presença das instalações sonoras, dizendo que são bôcas do inferno; censuraram o facto de se fazerem

## Vida elegante

### Aniversários

Fazem anos:

Dia 15 — o snr. João Maria Fernandes Barbosa.

Dia 17 — a snra D. Isilda Menezes.

as preces pelas tais instalações, e também censuraram a organização da feira de S. Martinho. Ora, sinto-me tentado a dizer-te que não vejo pecado especial em qualquer dos actos referidos. Com efeito: as instalações sonoras tanto podem ser bôcas do inferno como do céu. Tudo está nas músicas e discursos irradiados por elas. Na palavra «discursos» incluso os avisos, anúncios, etc.

As músicas são bastante profanas? A culpa morreu solteira... Mas não estarei longe da verdade se disser que o clero ainda não tomou uma linha de conduta energica e uniforme. Quando a tomar... Julgo ainda que ninguém, de juízo, poderá dizer que é pecado transmitir preces em alto falantes quando estes transmitem actos religiosos, como aqui, ao fazerem-se as novenas de São Martinho. Quanto à feira posso dizer-te que não perturba em nada o culto do Santo. De facto, já, é costume realizar-se a festa no domingo seguinte, por o dia 11 ser um dia de semana vulgar, em que toda a gente trabalha. A missa é às seis horas e a novena, às dezassete... O lausperene, por haver muitas igrejas dedicadas a São Martinho, passou a 11 de Abril. Portanto não consigo averiguar que mal possa haver na organização e realização da feira franca de São Martinho. Estes ditos podem ser falsos... Mas, os aforismos: «cada cabeça, cada sentença; todos temos a nossa telha;» «o número de todos é infinito» teve ainda o seu fundo de verdade...

Dispõe do teu amigo:

J. Moreira.

### «A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Leia, Assine

e Publique

«Tribuna Livre»

Visado pela censura



# O Herói e o Santo **Contraste em Melinde**

Continuação da 1.ª página

recusavam a servir a Deus, Pátria e Rei. Jovem esbelto aprumado, desenvolveu os dotes do corpo e do espírito, dedicando-se sobremaneira aos estudos de «Cavalaria» a grande paixão e sonho dos nobres e fidalgos daquela época.

Vem a propósito referir que a «Cavalaria» era uma instituição guerreira e não tinha ideal o jovem fidalgo que não nutria a aspiração de entrar nessa escola de coragem, valor e lealdade.

O acesso não era fácil. O candidato teria de prestar boas provas como pagem e escudeiro, de graus indispensáveis para obter a investidura de que a Igreja nesses tempos recuados da Idade média, fizera cerimónia de profissão religiosa.

O lema de vida, era assinalado ao cavaleiro: — «Servir a Deus e a Pátria; exercer a justiça; defender a Igreja e os seus fieis; desprezar os inimigos do nome cristão; proteger os fracos principalmente orfãos e viúvas. Este compromisso solene, era precedido de jejuns e oração; de contrário não seria armado Cavaleiro valente, corajoso e leal em nome de S. Jorge e S. Miguel, aquele que já fora pagem e escudeiro. Foi nesta escola das mais lídicas virtudes cristas e na fidelidade ao Portugal de Ourique, que o Condestável do Reino forjou a sua inconfundível personalidade. A vida de D. Nuno enquadrava-se admiravelmente no cenário agitado dos tempos revoltosos do Rei formoso e inconstante. As lutas com Castela e a divisas dos fidalgos portugueses, salientam melhor a acção persistente e inteligentemente discreta do grande Português.

Nomeado pagem da Rainha Dona Leonor Teles com a aquiescência de D. Fernando, era tal a simpatia que irradiava que na idade dos 13 anos, dispensadas todas as formalidades legais foi armado o mais esforçado cavaleiro de Portugal.

A sua espada seria manejada para que a justiça tivesse um apoio e o furor dos maus um freio.

Entretanto, um acontecimento extraordinário viera modificar o rumo e a marcha da agitação política que já se esboçava. O Duque de Lencastre também pretendente a Castela aliava-se ao nosso Rei e passados anos era a sua filha Dona Filipa de Lencastre que se consorciava com o Rei D. João I. Lr. feliz que deu origem «à ínclita geração dos altos Infantes».

Raiava assim a alvorada do período mais esplendoroso da história de Portugal. Bem quisera D. Nuno, imitar o cavaleiro Galaz para se dedicar inteiramente

ao serviço da Pátria, renunciando ao casamento que seus pais lhe propunham, com Dona Leonor de Alvim.

Secundou no entanto, o desejo paterno e o casamento efectuou-se em 15 de Agosto de 1375.

Como decorreram os primeiros tempos em Sernache do Bonjardim, da maneira como se treinou nos perigos de guerra e na administração das vastas propriedades, fala eloquentemente um livro espanhol, publicado 30 anos após as lutas que consolidaram definitivamente a independência de Portugal. «Viria o nosso herói no seu retiro, não entregue ao ócio.

Não passaram as acções de D. Nuno a delitos; nunca tivera necessidade de se desculpar com os anos. Sempre os ajustou às obrigações do seu sangue e aos toques da sua consciência».

— Adaptou-se perfeitamente ao estado de casado e nunca descurou o exercício das virtudes cristas. A sua piedade era edificante e reconhecida a caridade pelas avultadas esmolas que distribuía aos pobres.

Ao mesmo tempo espírito reflectido e sereno, vigiava atentamente a evolução dos acontecimentos e estudava pormenorizadamente a defesa do país de recusas minguadas em território e homens, mas que vinha abençoado por Maria, desde Ourique, manhã da vitória.

(Continua no próximo número)

## O Sorriso da Criança

(Continuação da 1.ª página)

pernicioso, pois, procurando fazer num dia, e à força, o que só pode ser obra de anos e de paulatina assimilação, atenta contra a grande riqueza do mundo de alegria e de vida que a criança é sempre quando não está doente do corpo ou quando não tem a alma torturada por exgências que são verdadeiras punhaladas na sua grande ância de viver, de saltar, de correr, de brincar, adquirindo assim, a rir, a experiência compatível com a sua sensibilidade nascente.

Prolongar esse riso com o nosso amparo, é missão altamente desvanecedora, guiando a criança, com amor, dedicação, estima e respeito para a lenta evolução que a transformará em adulto. Manter esse sorriso sempre vivo é cuidar da grande fortuna que a criança representa no lar e na vida e é, ainda, assegurar a continuidade da família e preparar um futuro venturoso para a Nação, pois não há grandes nações sem homens sadios, fortes do corpo e de espírito. É por isso que a Criança é uma riqueza nacional e o seu sorriso um cântico à Vida!

*Cultivemos, pois, o sorriso da Criança.*

(Continuação da 1.ª página)

diam piloto para alcançar as costas da Índia, essas, sim, bem conhecidas dos mareantes de Melinde. Deu-lhes o sultão o piloto desejado, o Ibn Medjial, cujo nome figura desde há dias em uma das ruas da sua terra de origem; e as três caravelas largaram de Melinde acaminho de Calicut sem que Melinde soubesse que a partir daquele momento transpunha o limiar da celebridade e passava a figurar em um dos grandes feitos na História — a chegada dos europeus ao Oceano Indico.

Foi isto há mais de quatro séculos e meio. Durante quase duzentos anos os povos de Melinde e dos pequenos reinos litorais, de Quiloa ao Cabo do Guardafui, ficaram sabendo sobejamente bem quem eram os portugueses, comerciantes e soldados, tão francos e agradáveis no convívio amigo como implacáveis no castigo das ofensas; e durante quase duzentos anos a bandeira portuguesa flutuou na fortaleza de Jesus em Mombaça, que era quanto bastava para

assegurarem coexistência pacífica dos dois mundos opostos — o ocidente e o oriente. Os portugueses tinham, porém, muitas mais fortalezas a defender e já então, como hoje, eram numerosos e de nacionalidades diversas os inimigos que cobiçavam; perderam-se, assim, com a fortaleza de Mombaça, a de Omuza, a de Colombo, a de Malaca, mas guardaram-se, por exemplo, a da Ilha do Moçambique, que é hoje a grande Província do mesmo nome, e a de Massagano, que é hoje a portentosa Angola.

Não tardou muito, contudo, que aos portugueses brancos da Europa outros portugueses se sucedessem nas terras de Mombaça, de Melinde, de Zanzibar, de Nairobi — eram já portugueses da Índia, goeses de tez menos clara do que os europeus, falando uma língua lusitana já temperada pelo acento tropical, mas tão bons portugueses como os seus antecessores e ascendentes; entretanto, outros povos brancos vinham estabelecer-se no litoral africano do Oceano Indico — no litoral de Mombaça, os ingleses, ao norte os

## As forças vivas do Concelho

Continuação da p. 1.ª página

seu ideal. Pediu ao sr. Governador para expressar ao Governo o sentimento de todos os presentes.

Seguidamente falou o sr. dr. António José da Costa, vice-presidente do Município, que se referiu largamente, referindo factos, da comunhão de ideias e de sentimentos existentes na nossa África entres indivíduos de cor e brancos. Apontando o próprio caso de Amares referiu que não há oposições quando se discute a integridade do território nacional e que todos os portugueses estavam irmanados do mesmo sentimento de defender os nossos territórios com os maiores sacrificios. Aproveitou para agradecer ao sr. Governador o carinho com que tem acolhido os problemas de Amares e disse da sua fé em que a nação portuguesa continuará indivisa.

O sr. dr. Avelino Manuel da Silva, presidente da Comissão concelhia da U.N. louvou a Câmara pela iniciativa tomada e informou o sr. Governador de que a U.N. e o Grémio de Amares haviam expressado a sua repulsa e que tinha a maior confiança no Governo para vencer as grandes dificuldades com que deparamos neste momento.

Seguiu-se o sr. Padre Albino José Fernandes Alves, Arcipreste do Concelho o que se referiu à obra do Infante D. Henrique e às comemorações do centenário do seu falecimento para asseverar de que não será a nossa geração a traíro no

seu ideal.

Falou de D. Nuno Alves Pereira, dos seus principais feitos, das suas virtudes guerreiras e de coração para terminar que tal como ele teve de combater também nós nos não turtaremos a esse dever se isso for preciso para garantir a unidade e integridade de Portugal.

Finalmente falou o sr. Governador Civil que se referiu à satisfação que lhe causou a manifestação das autoridades de Amares e povo do concelho e quanto lhe agradava ver que na sua presença estavam todas as pessoas representativas e autoridades a afirmar a unanimidade da indignação pelo que se tem passado na O.N.U. e de apoio franco ao Governo que tem sabido responder com a maior decisão.

Referiu-se à hora difícil que atravessamos em que as baterias se acestaram contra nós e em que o comunismo internacional pretende abater quem sempre se lhe opôs com a maior clareza e tenacidade.

Referiu-se à necessidade de união de todos os portugueses e depois de referir novamente a satisfação que esta manifestação lhe causava ergueu vivas a Portugal, ao sr. Presidente da República e ao Governo, sendo entusiasticamente aplaudido.

Todos os oradores foram muito aplaudidos e por vezes foram levantados vivas a Portugal, ao sr. Presidente da República e ao sr. Presidente do Conselho.

italianos, ao sul os alemães — não para simples relações comerciais, mas para se substituírem no domínio da terra aos antigos sultões árabes; portugueses e católicos, os goeses passaram a ser ali duplamente estrangeiros, perante os colonizadores e perante os nativos muçulmanos; tinham por eles as virtudes da fé e da persistência, que são apátrio do tipo rácico luso-indiano, e tinham ainda a seu favor o prestígio deixado na região pela passagem dos portugueses e simbolizado nas muralhas do forte de Jesus.

Chegarão, assim, os dias de hoje — os dias em que por toda a parte se busca fingir esquecer o que aos europeus e, particularmente, aos portugueses ficaram devendo todos os restantes povos da Terra; em contraste com o que se passa por toda a parte, os goeses do Quênia, depois de haverem afirmado por múltiplas maneiras a sua lealdade a Portugal, quizeram-na materializar, erguendo em Melinde um monumento à memória do Vasco da Gama; em contraste com o que se passa por toda a parte, onde as ruínas são arrazadas, foram reconstruídas as ruínas do velho forte de Jesus e este transformado em Museu Nacional do Quênia, mercê da Fundação Gulbenkian e das autoridades locais; em contraste, ainda, com o que se passa por toda a parte, um Ministro do Governo português — o dr. Pedro Theotónio Pereira — foi visitar povos africanos não para assistir a revoltas ou assinar abdições, mas para simplesmente receber testemunhos de amizade e de reconhecimento e para estreitar, num abraço, de família, os goeses que naquelas terras vivem e trabalham — e que levantam estátuas à memória de Vasco da Gama.

Este contraste impressionou muita gente e, a julgar pela atitude de meia dúzia de discólos, parece ter contrariado bastante os interesses da ofensiva internacional anti-portuguesa. É natural que assim tenha sido, pois o descerramento em Melinde de uma estátua a Vasco da Gama, a restauração do Forte de Jesus e as homenagens que rodearam o representante do Governo de Lisboa constituíram, de facto, além de contraste impressionante, outros tantos actos de justiça e de concórdia — que são coisas de que os inimigos de Portugal fogem como se diz que o diabo costuma fugir da Cruz.

**TRIBUNA LIVRE**  
é distribuída em Braga  
no Quiosque Central,  
Largo do Barão de São  
Martinho

**Visado pela Censura**



# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

## MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 82

(CONTINUAÇÃO)

de armas, selo e bandeira próprios nem a Vereação que administrava este mesmo concelho em 1930 deu cumprimento ao determinado na circular da Direcção Geral de Administração Política e Civil de 14 de Abril do mesmo ano.

Não consta que tivesse ocorrido neste concelho qualquer facto histórico de especial relevo, apenas possuindo como documento antigo o foral concedido em 20 de Outubro de 1514 por el-rei D. Manuel I.

Atentas as circunstâncias expostas, há que buscar nos factores económicos os motivos do símbolo do concelho.

Atendendo, porém, que o milho, vinho, azeite, laranja, etc. são culturas próprias e comuns não só deste concelho, mas também dos limítrofes; atendendo a que outros factores, que existem, podem influir nos motivos da escolha dos mesmos para o brasão de armas do Município por serem características da Serra do Gerês, como por exemplo, a existência do cabrito montês e a águia real, além de inúmeros marcos miliários que se encontram junto à célebre estrada romana da «Geira», a Câmara Municipal de Terras de Bouro, na sua reunião de 30 de Março de 1953, deliberou escolher, ao abrigo do disposto no n.º 14 do art.º 48 do Código Administrativo, o brasão de armas, selo e bandeira a seguir descritos:

**Armas:** — de prata com uma águia sobranceira a um marco miliário e um veado (cabrito montês) colocado no píncaro da serra. Coroa mural de quatro torres de prata.

**Bandeira:** — De verde, com as armas ao centro, encimadas por coroa mural de prata de quatro torres e, por baixo do escudo, um listel branco com as palavras Terras de Bouro de negro. Haste de lanças prateadas. Cordões e borlas de verde.

**Selo:** — Circular, tendo ao centro as peças das armas sem indicações dos esmaltes. Em volta, dentro de círculos concêntricos, os dizeres: Câmara Municipal de Terras de Bouro.

Nestes termos tenho a subida honra de rogar a V. Ex.ª se digne aprovar de harmonia com o preceituado no art. 14 do citado diploma, a constituição heráldica do concelho de Terras de Bouro, que acabo de referir. — Terras de Bouro, 24 de Abril de 1953.

Segundo informação fidedigna do meu velho amigo e condiscípulo Nogueira Martins, mui digno chefe da Secretaria, foi particularmente consultado sobre este projecto da constituição das armas do concelho o falecido Dr. Feio da Biblioteca de Braga.

Pôs ele suas dúvidas e receios quanto à viabilidade de aceitação e aprovação por ter sido a águia figura natural adotada como emblema de várias famílias nobres, como efectivamente foi dos Almeidas, Aguiães, especialmente dos Azevedos, que logo se dava a coincidência de terem andado nas mãos destes, como antigos donatários, os senhorios das T. de Bouro e do extinto concelho de S. João de Rei.

Está este plano representado por gravuras e desenhos no respectivo processo: o campo do escudo partido em pala; na da direita o cabrito montês colocado no píncaro da serra; na da esquerda a águia sobranceira a um marco miliário; neste, sob os pés da águia os dizeres DURA LEX; mais abaixo, junto à base torneada da coluna, em caracteres romanos, a era de 1514 que foi a da concessão do respectivo foral.

Pena seja que não fossem estas as armas propostas e aprovadas, quanto é certo que a antiguidade romana, que viu e ajudou a nascer estas terras devia ocupar lugar proeminente e inconfundível no seu brasão. Só uma diferença: que a águia (real) voltava-se-lhe a cabeça para a esquerda e já não havia que implicar com o escudo de armas de qualquer família particular; que os dizeres iatinos ao longo do marco (os que tem sem o menor cabimento) teriam de corresponder à competente inscrição romana com dedicatória aos cé-sares, como lhes é própria.

(Continua no próximo número)

## POLITICAS RURAIS

No início de uma série de artigos que me proponho trazer a este jornal, o melhor amante da política regional, convem-me explicar qual a razão que trouxe um novo colaborador e um título tão bizarro para as colunas de «A Tribuna Livre».

Corre já de norte a sul do nosso país a questão — uma questão que é questão sem ser nem tão pouco perece questão — da já histórica *Escola de Caniçada* — Essa escola que hoje parece ter deixado de o ser para ser um simples Posto Escolar.

Não gostei nem gosto tão pouco de me imiscuir em questões que, segundo a cara linguagem do ano 60 do século XX, me não são nada ou quase nada atinentes. Mas vi-me tão forçado, tão tocado por alguém que tem dado o melhor do seu valor para defender um problema que é de todos nós caniçadenses, vieirenses, e até de todos os Portugueses, que após um último pedido não recusei nem recusarei mais em dar e empregar

todo o meu humilde esforço para resolver tão magno problema.

Forçosamente, porque o direito é que rege os povos, por direito será construída não só uma nova escola em Caniçada, escola esta que substituirá a actual que mais parece uma corte do que uma escola, mas também outras em toda a *princesa da Cabreira*, de que nós aqui nos tomaremos embora humildes, arroçados e destemidos propagadores.

Atenção pois às competentes autoridades para que segundo

o lema de justiça e cevidade ponderem as razões que aqui como nuas, cruas e bem fundadas verdades serão expostas.

Ao já conhecido colaborador deste jornal, José da Silva, funcionário civil da Base Aérea n.º 3 de Tancos, que me quase estatelou nas colunas deste jornal terão os Caniçadenses a agradecer os bons efeitos que as minhas ideias suponho terão nos ânimos das autoridades regionais e muito especialmente nos da inactiva junta da freguesia de Caniçada.

Renato Boaventura

## RECORTES De ODECAM

### O Hipócrita

A ti, creatura digna de dó.)

O hipócrita é tal e qual o tigre, em meio à treva, silencioso e perverso, o olhar fulvo, fulgindo. O hipócrita é sorrateiro. É um monstro, a vida leva

Infamando, na sombra, ultrajando e rugindo contra quem é feliz. Um goso longo, infindo, sente, quando uma rixa ou faixa intriga céva. de todos ele é amigo e a tudo anda sorrindo.

Inda: — e o mais infeliz dos descendentes de Eva. Proclama ser capaz de mil e um sacrifícios. Ultraja Deus. Infama os bons. Rouba o sócêgo alheio. É a imagem fiel do asqueroso morcego.

Por triunfar, lança mão de torpes artifícios. Quase sempre é um fidalgo, em meio a sociedade, sendo um cancro a corroer a alma da HUMANIDADE.

Ferreira Sobrinho

## E a nova geração

Continuação da 1.ª página)

o cerca, ter um lema: «Go! (Vamos!).»

E vai. Vai até à Casa Branca dizer ao mundo o que vale uma geração nova, substituindo outra obsoleta que, mal nosso, ainda pretende manter os destinos do universo naquele seu ramerrão do «passo miudo» sob o peso do guarda-chuva.

Só! Só! Muito sol é que precisa a política acual.

John Kennedy representa uma réstea que ha-de acabar por iluminar a Terra, num brado unissono de luz, amor e caridade. Kennedy representa, além da nova geração, toda uma questão religiosa. É católico num país que tem uma minoria católica. Oriundo da Irlanda,

da, o sangue de seu avô faz parte da «segunda vaga» de imigrantes proletários que ajudaram a erguer a América.

É ainda representante da força de vontade das inteligências que se dedicam ao bem comum. Foi aluno brilhante na Universidade de Harvard; em Londres terminou um curso de Ciências Políticas. Jornalista algum tempo, é escritor notável, possuindo o «Pulitzer» com o famoso livro; «Perfis de homens corajosos!»

Filho de embaixador, pode nas suas funções, até por educacionalmente se ter formado na Diplomacia, ser um subtil político e a auro-ra boreal de um provir de paz e de concórdia que o Mundo carece, ama e quer..

Visado pela C. Censura

1.ª Publicação 12-11-1960



### SECRETARIA JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

Nelson Pereira Cardoso Juiz das Execuções Fiscais de Vila Verde.

Faço saber que no dia 26 do mês de Novembro pelas dez horas, na Porta desta Tribuna e se há-de proceder à arrematação, pelo maior lance que for oferecido, dos bens abaixo designados penhorados a Lourenço Abilio Soares Barbosa, do lugar do Codeçal da freguesia de Dossãos, penhorados para pagamento de Contribuição Predial na importância de mil e setenta e três escudos e bem assim juros da mora selos e custas Designação dos bens.

#### Semovente

Uma vaca de trabalho de raça barrozã à qual é atribuído o valor de 1.500\$00 (mil e quinhentos escudos.)

São por este meio, citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos, para deduzirem os seus direitos, querendo.

Vila Verde, 31 de Outubro de 1960.

E eu, César Augusto de Carvalho

Escrivão que o subservi.

O Juiz

(a) Nelson Pereira Cardoso



# Tribuna Desportiva

## Benfica 6 - Ujpest 2

### Alcançando uma vitória extraordinária sobre o Ujpest, o Benfica brindou todos os desportistas portugueses.

Decorreu no passado domingo no Estádio da Luz, mais uma fase do torneio da Taça dos Campeões Europeus, com o desafio entre o Benfica e o Ujpest da Hungria, originando que o recinto da Luz registasse uma das maiores enchentes.

Por se tratar na verdade de um resultado excepcional, atendendo à exibição dos Campeões Nacionais, vamos transcrever com a devida vênia, alguns pontos do relato desportivo, do vespertino Lisboeta «Diário de Lisboa».

O Benfica, sedento de estímulos, começou em grande andamento e logo no primeiro minuto, com fortuna a soprar favoravelmente, a cidadela de Torok foi violada.

O Ujpest, campeão da Ungria, parece ter despertado da sua estranha letargia, (sonambulismo ou hipnotismo?) quando a vitória se desenhou e... e arquivou no dossier dos factos mais sensacionais do futebol lusitano. Só um milagre podia modificar o que de modo expressivo se erguera no monumental Estádio da Luz, onde os ecos dos aplausos se sobrepujam, uns aos outros.

Perante uma marcação descuidada, distante dos ditames do futebol moderno (pelo menos, quando a velocidade é notória e fundamental no processo evolutivo da manobra), os dianteiros do Benfica, que

são o espelho fiel do perigo para o guarda redes adversário, agiram como se fossem peixes na água. O poder de elevação de Cavém e Águas, o sentido invulgar do oportunismo de Santana (um interior que sabe surgir na grande área no justo momento) e o plurifacetado estilo de José Augusto — o barreirense esteve directamente ligado aos seis golos — contribuíram para complicar a tarefa da perclitante defesa húngara, onde nenhuma unidade deu nota de valor. Uma vulgaridade.

A fase referida terá provocado a impressão de que o «quadro» do Benfica acusava os efeitos do esforço extra, produzido na primeira parte. Não partilhamos a opinião.

Os jogadores Portugueses de posse dos 5-0 afrouxaram. É humana a atitude. Mas em vez de se preocuparem na manutenção do seu estilo, em andamento «moderato», consentiram que a iniciativa pertencesse ao Ujpest. Isto é, a bola sob o comando dos Húngaros, que são exímios a conduzi-la e a passá-la, provocando um efeito de enfeitiçamento. Por via disso, tornou-se notório um desacerto na posição e, lentamente, exactamente como um ritmo, o Benfica «deixou-se ir» na doce sonolência, acusando um fenómeno que não era mais do que o reflexo de circunstâncias ocasionais. A reforçar a tese recorde-se o

período final. Com os 5-2 notou-se o regresso à vivacidade e à imaginação que tanto perturbaram os representantes do futebol húngaro. E num despretençioso apontamento, José Águas voltou a confirmar a espantosa fragilidade da defesa visitante. O extremo direito, cuja actuação deve ficar escrita a letras de ouro na sua carreira, teimou e, em golpe superior, bateu Torok como muito bem lhe aprouve.

Era o 6-2 — o «soco» decisivo que levou o futebol húngaro a sofrer um sensacional K. O.

Este Ujpest foi pior do que se supunha, muito embora se não acreditasse nas suas possibilidades em face da forma instável ultimamente denunciada. De qualquer maneira (isto, aliás, deve constituir um aviso) não se creia naquilo que o campeão húngaro no domingo demonstrou. Com toda a certeza vale mais, incomensuravelmente mais. O descabro da desorganização defensiva, que olvidou a colocação, a antecipação e a «alma», que é própria de quem tem a missão de defender um ideal, será objecto de revisão. De resto, espera-se uma rectificação geral por forma a permitir o comando do esférico e a acção dos dianteiros que, pelo que atrás se disse, constituem o ponto forte de equipa.

Gorocs, Szusza, Pataki e Bencsics foram as unidades

mais em evidência desde que foi possível delinear o tal futebol em que a bola anda mais depressa do que o homem, afinal um dos princípios basilares do Jogo.

Reafirme-se a estranheza da atitude passiva quando os golos do Benfica começaram a afluir como as cerejas. Sangue ou água nas veias?

O Benfica foi o que costuma ser quando os seus avançados adregam afinar a pontaria logo aos primeiros «tiros». Foi, portanto, uma equipa decididamente demolidora — e irresistível, principalmente na meia hora inicial.

A liberdade concedida pelos defesas magiares, mórmente os laterais, que nos deixaram na dúvida sobre a sua capacidade tanto na marcação directa como na de zonas, constitui um regalo para os dianteiros portugueses.

A manobra larga, culminada com centros tirados a papel químico, já mais foi convenientemente contrariada. O campo pertenceu ao Benfica, talvez seja a imagem apropriada para definir o perfil da partida.

O ataque foi a razão de ser do brilhante triunfo benfiquista. Todos são credores do mesmo parabém. Incondicionalmente.

Se a forma continuar no mesmo jeito progressivo, o seleccionador não deverá preocupar-se...

A arbitragem a cargo do suíço Schiker cotou-se na eficiência, servida por uma notável economia de gestos. Dois reparos: o «off-side» que não permitiu a Águas mais um golo quando o resultado estava em 5-0, isto é, momentos antes do Ujpest ter marcado o seu 1.º golo e a indiferença na altura em que o avançado-centro dos «encarnados» foi empurrado na grande área. Era «penalty.»

Está de parabéns o futebol nacional, com o sensacional triunfo obtido pelo Benfica frente ao Ujpest Dózsa, na tarde de ontem. Embora o futebol húngaro seja muito justamente considerado como um dos mais adiantados do Mundo e o quadro magiar que ontem se exibiu no imponente Estádio da Luz seja, justamente, o campeão da Hungria, a equipa portuguesa foi nitidamente superior em todos os aspectos. E não foi só por demérito do seu antagonista que o quadro benfiquista venceu. O Benfica ganhou por seus próprios e incontestáveis méritos, demonstrando, mais uma vez, a sua especial tendência para levar de vencida as mais categorizadas formações estrangeiras. Em resumo, um estrondoso e espectacular êxito do campeão nacional, que vem reafirmar aquilo que não nos cansamos de asseverar: o impressionante progresso do futebol português.

## PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

### Memorial de Montebelo

tão considerável, não se lhe dera até então satisfação alguma...

Já se disse, em *Castro de Carracedo*, como Filipe IV, tentando modificar o seu procedimento e de seus predecessores contra muitos fidalgos portugueses que tinham andado no engodo de falsas promessas, feitas de boca só para lhes explorar os serviços de ocasião, se mostrou *generoso* do que já não era seu, confirmando por carta patente, mais de uma dezena de anos decorridos sobre a Aclamação de D. João IV, o título de Conde de Amares ao segundo marquês D. António, com o duplo intento de atraí-lo ainda e de comprometé-lo.

Era o despacho tardio e inútil de uma parte das pretensões do primeiro *Memorial*, que a mais importante delas era a reabilitação dos Machados nos senhorios de suas terras e domínios inteiramente perdidos nesse período doloroso do cativo.

D. António já vivia em Portugal e na mais precária situação material como foi referido. Para se reabilitar na posse dos haveres que foram de seus maiores, independentemente dos serviços de seu pai ainda muito mal reconhecidos, foi importante, segundo as mais verosímeis tradições de família, a aliança que fez por casamento com a casa dos Mendonças, integrada nos planos victoriosos da Conjuração de 1640 por participantes desta família entre os elementos do *Grupo de Santo André*.

Em suma, o marquês de Mortara, sogro do de Montebelo, tinha consumido sua fortuna e fazenda nas guerras de Castela, para acabar pobre, em Lisboa, num dos aposentos do Corte-Real, no posto de «mestre de campo general» do Exército Português.

A marquiza, de Mortara sua mulher, sempre na corte de Ma-

drigrid ao serviço de Filipe IV: estas distâncias e trocas maliciosas, quer dos cabos de guerra portugueses empregados na guerra da Catalunha, longe de suas terras abandonadas à pouca sorte dos planos sombrios do usurpador, quer dos castelhanos no (*douce rien faire*) das armas portuguesas embotadas, suscitara a onda de indignação que eclodiu em 1640. O plano do usurpador era o da ruína da Nobreza de Portugal pelo empobrecimento, do seu enfraquecimento pela dispersão. O terceiro estado — o povo não lhe causava preocupação.

O marquês de Montebelo aceitara de Filipe III (IV de Castela) uma noiva pobre, com mil e uma promessas de dote recompensador, feito em mercês cujas garantias nunca lhe foram dadas nem firmadas.

Por isso ele acabou seus dias em Madrid rodeado de necessidades e humilhações. Com o ludíbrio da cedência, em vidas reduzidas, do senhorio de Entre-Homem e Cávado, por parte de sua mãe D. Margarida Machado, fora-se convencendo da triste realidade de que se perpetrava tirar-lhe o que era seu perpétuamente por concessão e confirmação dos reis de Portugal.

Regressando à pátria, seu filho e herdeiro da sua pobreza, D. António Félix deparou com os factos consumados.

D. João IV, sendo o que melhor conhecia dos relevantes serviços secretos de Montebelo e podia justamente galardoá-los, era falecido. Estava assente a paz com Castela, mas pouco rastro, como é óbvio, no caminho das missões que desempenhara; raras testemunhas sobreviventes do seu contacto pessoal, e que se prestassem a reabilitar a sua memória.

No *Portugal Restaurado* o conde da Ericeira fez alguma luz sobre as acções e merecimentos de Montebelo; não conseguiu, porém, dissipar as trevas de muitas contradições que o impugnavam.

Começou daqui o propósito de um novo registo de lembranças, agora com vista aos soberanos portugueses.

O segundo marquês, D. António, logo entrara ao serviço de D. Pedro II; coroara-os com o governo de Pernambuco, em que igualmente se destacara o terceiro marquês seu filho, Félix José Machado.

Foi este que empreendeu reeditar o *Memorial* de seu avô,

(CONTINUA)